



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Deputado P. de Substituição anterior.
Voto de Pesar 87/XII/2.º

Pelo falecimento de Joaquim Benite

Com o desaparecimento de Joaquim Benite, no passado dia 5 de Dezembro, a Cultura em Portugal vê desaparecer um dos seus mais importantes construtores.

Cedo dedicou a sua inteligência e trabalho às artes e à cultura, passando por uma breve experiência como ator ainda com 17 anos, trabalhando depois como jornalista.

Homem da cultura e da arte, ele foi também um ativista político desde os tempos do fascismo, integrando, em 1969, a Comissão Política da Comissão Democrática Eleitoral (CDE) e participando e escrevendo sobre o II Congresso da Oposição Democrática, realizado nesse mesmo ano em Aveiro.

Escreveu para jornais, inclusive como crítico de teatro, numa carreira iniciada no *Diário de Lisboa Juvenil*, dirigido por Mário Castrim, e prosseguida em vários outros jornais, entre eles *O Diário*, no qual foi responsável pelo Suplemento Cultural, tendo sido ainda chefe de redação de *O Diário* e *O Século*.

Na história do teatro português, o percurso de Joaquim Benite ficará não apenas como referência incontornável, mas também como marca inconfundível e de dimensão singular.

Quem fizer a história do nosso teatro, terá que se deter inevitavelmente, com paragem obrigatória, nessa figura maior da Cultura portuguesa, nesse homem de Teatro carregado de talento, de alma lutadora e de sensibilidade; terá que se deter, no nascimento do Grupo de Campolide, em 1970, no impacto por ele causado desde logo, no seu primeiro espetáculo e nas sementes de futuro que aí foram lançadas por uma equipa na qual Joaquim Benite contava com a

relevante participação de Virgílio Martinho, seu companheiro de armas de muitos anos; terá que se deter na atividade da Companhia de Teatro de Almada, a partir de 1978 e até à instalação no magnífico Teatro Azul, e na revolução por ela gerada em matéria de criação de um novo público feito de gente que ali nasceu a amar o teatro e que passou a inscrever o teatro na sua agenda de prioridades.

Trata-se de um percurso no qual ocupa posição de destaque a criação dessa notável realização que é o Festival de Teatro de Almada, o maior realizado no nosso País e um dos mais importantes à escala da Europa – um festival que, apresentando autores dos mais consagrados à escala nacional e internacional, é igualmente um espaço aberto aos novos criadores.

Ao longo de 40 anos de carreira, encenou textos de Shakespeare, Molière, Brecht, Lorca, Bulgakov, Pushkin, Camus, Adamov, Gogol, Beckett, Albee, O'Neill, Bernard, Neruda, Sinisterra, Duras, Marivaux, Feydeau, Skármeta, Peter Shaffer e Nick Dear, mas também Almeida Garrett, Gil Vicente e Raul Brandão, entre muitos outros. Fez também uma incursão na encenação de ópera, em 2008, com *La Clemenza di Tito*, de Mozart, para o Teatro Nacional de São. Carlos, e é autor de diversos textos para teatro, bem como de conferências e ensaios, tendo estado à frente de vários cursos de teatro e tendo dirigido, até ao fim, a revista de teatro *Cadernos* e a coleção de *Textos d'Almada*.

Comunista, membro do Partido Comunista Português, entendia a intervenção social como indissociável da intervenção cultural e, por sua vez, ambas indissociáveis da transformação da sociedade.

Um homem reconhecido pelas instituições, distinguido com a Medalha de Ouro de Mérito Cultural do Concelho de Almada, a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura, e Mérito Distrital do Governo Civil de Setúbal, além de condecorado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro da Ordem de Artes e Letras e pelo rei de Espanha com a Comenda de Ordem de Mérito Civil, mas acima de tudo, reconhecido pelo público que fielmente demonstrou

